

APLICAÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA – UMA IMPRESSÃO RETROSPECTIVA
E PANORÂMICA DO PAPEL EDUCACIONAL DO CEPAE EM DUAS DÉCADAS

ELDER SALES DA SILVA*

A ideia freireana de que os homens se educam quando interagem com os outros em circunstâncias experienciadas e mediadas pelo mundo amplifica-se em um ambiente escolar que se apoia na liberdade de expressão e na criação de situações que reflitam não apenas o âmbito da escola, mas as possibilidades além-muro – no caso, a tela que cerca o Cepae. A percepção de como essa instituição de ensino mergulhou na dialética das propostas educacionais que forçosamente devem ser transformadas e adaptadas a novas necessidades proporciona uma ponta de alegria a quem participou da sua história.

Embora as dificuldades criem grandes desafios que instigam o verdadeiro papel da escola na formação dos indivíduos, em seu desenvolvimento afetivo e emocional (Molon e Santos, 2008), não há como negar os importantes avanços e conquistas do tão adorado Colégio de Aplicação. Nesse sentido, justifica-se uma análise que ressignifique as impressões de uma escola marcada pela formação crítica e participativa de seus alunos, por uma estrutura física bem montada, apesar de problemas comuns, e de professores mais envolvidos no processo ensino-aprendizagem, quando comparados à realidade de outras redes públicas de ensino.

Quando Ferreira (2009) levanta a discussão sobre a crise de identidade que a escola vive entre o meio de mudança social ou de manutenção das desigualdades, analisam a ambivalência da escola como espaço de conservação ou transformação social. Quase tudo depende de como são aplicados os meios ideológicos e de como os alunos são formados. Se a escola, para Foucault, é a miniaturização da sociedade e da teia de relações que a configuram, pode-se ver que o que ocorreu no Cepae na década de 1980 e começo da década de 1990 não é o mesmo que ocorre na atualidade. As transformações são muito evidentes, e a grande questão é se tais mudanças foram para melhor ou para pior no que se refere ao verdadeiro papel da educação.

* Ex-aluno do Cepae e Estagiário do curso de Ciências Biológicas da UFG. – E-mail: elder.sales@hotmail.com

Naquele tempo, havia uma dicotomia social marcada na própria relação cotidiana dos alunos. Um “caldeirão” misturava indivíduos com poderes econômicos e oportunidades culturais discrepantes, o que levava muitos indivíduos a sentirem-se inaptos a continuar na escola, principalmente se sobre eles recaísse, além da dificuldade financeira, a dificuldade intelectual. Por outro lado, seria uma oportunidade de superação e, para muitos, a grande chance de atingir melhores horizontes, afinal, a educação era oferecida para todos.

O sistema de cotas nos sorteios em que se reservavam vagas, o que ainda acontece em alguns colégios, enviesava, naquela época, a proposta universal de acesso ao ensino, como dever do Estado e direito do cidadão reforçados na Constituição de 1988. Esse mecanismo, por muito tempo, impediu que o acesso a um ensino público de qualidade fosse mais justo e favorecesse a todos, independentemente de qualquer critério.

É interessante ter uma visão panorâmica do colégio hoje e de como tudo mudou e parece mais democrático. O estacionamento ficou menor, com menos carros. Os professores se “revezam” no tempo – que saudades de tantos professores, alguns deles já imortalizados em fotos na sala de entrada. E os eventos culturais como o *Cajuína*? Será que alguém lembra que o primeiro *Cajuína* teve como ganhador um de seus idealizadores, o aluno Robson Batata, que cantando *Soldados*, do Legião Urbana, levou os estudantes ao delírio, pois “somos soldados” e continuaremos na luta, como na participação de situações políticas, da redemocratização do país, das brigas por melhores condições de transporte, por uma educação melhor, por respeito ao ambiente e por aí foi, e por aí vai...

O perfil dos alunos tornou-se menos aristocrático e o colégio redefiniu-se em relação à tendência mundial de inclusão e ao planejamento para integração dos recursos arquitetônicos, humanos e materiais que atendam à multiplicidade de funções da educação, que há muito tempo deixou de ser apenas *locus* de conhecimentos formais. O exemplo da presença de alunos portadores de necessidades especiais é um avanço paradoxalmente importante, e mostra uma realidade que não houve no passado. Isso porque, de um lado, tem-se a valorização dos indivíduos e, por outro, cria-se a necessidade da formação e reciclagem dos professores, a interação com professores especializados e com trabalhos itinerantes e, muitas vezes, a troca de experiências multidisciplinares para atender de forma mais holística a esse novo público de educandos (Ramos, 2009).

A inclusão responsável como definida por Poletto (2009) é um grande desafio do Cepae, e revela, historicamente, como este evoluiu ao adotar como propósito um atendimento universalizado. Para os professores e alunos do passado, não se concebia essa reformulação do papel da escola, não havia preparo técnico-científico e não havia condições maduras na sociedade para tal enfrentamento.

Definida como a deflagração de comportamento agressivo dos estudantes frente aos pares, sem agressão dos professores e do patrimônio (Gisi; Filipak; Kerkoski, 2009), o *bullying* não é um fenômeno das últimas gerações, e é também um dos problemas do Cepae, conforme entrevista com a diretora. Até recentemente, não havia discussão sobre as causas e implicações dessa forma de interação entre os alunos. Muito se discute sobre seus motivos e há protesto em relação à forma de educar na escola. A desestruturação familiar pode em parte explicar a situação. Antes era a lei do mais forte e hoje continua sendo – no entanto, o fato de levantar-se a discussão e o debate sobre o tema já demonstra um progresso nas relações atuais.

Os problemas foram apenas mudando de roupa com o passar dessas duas décadas, mas as preocupações e abordagens vêm instigando os professores e toda a estrutura escolar para melhor atender os direitos daquele que constitui o motivo de qualquer escola, *o aluno*.

Muitos problemas ainda reincidentes, como o risco de envolvimento com drogas e o desestímulo acerca da proposta de transformação de vida que a educação pode oferecer, continuarão a existir. Mas a partir da educação, apesar da inércia governamental, a sociedade cobra e faz mais barulho. Essa realidade preocupa e ainda é desafiante para o “Aplicação”, que hoje tem o nome de *Cepae* – e não é apelido.

Enfim, colocada como um dos principais arquétipos do inconsciente coletivo, a escola pode ter uma duplicidade de papéis, atuando entre o caráter conservador ou transformador da realidade. Vista de forma genérica, representa o conjunto de experiências adquiridas em uma existência, como elas afetam a personalidade individual e como, a partir de padrões estabelecidos como um acordo para a convivência grupal (Borsa, 2007), as pessoas elaboram e incorporam essas experiências e as utilizam para determinar melhores estratégias de sobrevivência.

Aqui talvez esteja uma grande ponte entre a educação e o arquétipo que representa padrões de personalidade e uma herança comum da humanidade. Desse modo, a educação personifica a necessidade de o homem

aprender a lidar com os outros para, fundamentalmente, aprender a lidar consigo mesmo.

As pessoas se utilizam de imagens e modelos relacionados à educação que supostamente resolvem problemas de várias ordens, em que ela representa força e possui o elemento altruísta tão comum na figura do herói. Por que não dizer que a educação é uma heroína (não opiáceo, diga-se de passagem), uma vez que pode armar os indivíduos para uma vida melhor? Ou seria um anti-herói, na medida em que atua como fator excludente e elitista e dissemina as desigualdades sociais?

Vistos como semente para o fruto do amanhã, pela esperança de tornarem-se futuros transformadores sociais, os alunos poderiam ser categorizados como heróis em potencial, pois deles se espera muito – desde um bom profissional até um bom caráter, uma pessoa que saiba se valorizar e valorizar aos outros (Reis, 2006).

Historicamente, o Cepae progrediu em suas propostas pedagógicas, na inclusão e na preocupação com grupos especiais de alunos, na maior participação de pais e mestres tentando compartilhar as diversas questões e nortear de forma mais contextualizada o ato educacional – dever de todos, para além da escola.

Como uma escola que permite uma participação mais crítica e fomenta o debate, que diminui a distância entre o professor e o aluno e os torna sujeitos da formação humana e da diminuição das barbáries, ou pelo menos promove a tomada de consciência da realidade que nos cerca, o Cepae atravessa os anos e tenta se adaptar. Deixa marcas na vida dos seus atores e na sociedade goiana. Muito se tem e se pode melhorar, mas suas características *sui generis* tornam essa “fábrica de cidadãos” um lugar de respeito e de compromisso com a educação, onde se delineiam seus limites e suas implicações.

REFERÊNCIAS

BORSA, J. C. *O papel da escola no processo de socialização infantil*. PU-CRS, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>> Acesso em: 24 nov. 2009.

FERREIRA, W. R. *Balanço educacional: reflexões sobre os limites, possibilidades e o papel da escola na atualidade*. UFTM/MG, 2009. Di-

Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/upload/ensino/AVIposgraduacao090804172540.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2010.

GISI, M. L., FILIPAK, S. T.; KERKOSKI, M. J. *A manifestação do bullying na escola de educação básica: o espaço-tempo do recreio*. IX Congresso Nacional de Educação. PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2735_2196.pdf> Acesso em: 05 fev. 2010.

MOLON, K. S.; SANTOS, B. S. *O papel do professor para o desenvolvimento afetivo e emocional do aluno*. III Mostra de Pesquisa e Pós graduação. PUCRS, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/II-Imostra/Educacao/62821%20-%20KARINA%20SILVA%20MOLON.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2010.

POLETO, N. A. 2009. *Ressignificação do papel da escola especial e do professor especialista itinerantes frente à inclusão educacional da criança com deficiência intelectual*. Cedae/Apae. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/10694.pdf?PHPSESSID=2009050413123336>> Acesso em: 04 fev. 2010.

RAMOS, S. L. V. 2009. *O papel da inclusão escolar na formação da identidade da pessoa com deficiência visual*. UFPI. Disponível em: <http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt15/GT15_2006_07.PDF> Acesso em: 02 fev. 2010.

REIS, M. L. 2006. Educação para e-cidadania: entre a reinvenção das práticas cívicas e o neotecnicismo. *Revista Iberoamerican de Educación*. n. 42, p. 55-68. 2006.